

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Leonardo Boff [Leonardo Boff]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	desconocido
Publisher	Instituto Universitario ISEDET
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-18 00:08:56
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/155917

LEONARDO BOFF

“Os interesses dos pobres são os interesses de Deus”

“Os interesses dos pobres são, fundamentalmente, os interesses de Deus”, afirma Leonardo Boff, o teólogo franciscano brasileiro, condenado, em 1º de maio, ao silêncio absoluto “por um tempo conveniente” por decisão da Congregação para a Doutrina da Fé (antiga Santa Inquisição), do Vaticano. Esta entrevista exclusiva foi concedida em outubro do ano passado para a revista chilena *Apsi*. Por ironia, antes de ser publicada, em Santiago, a revista foi fechada pelo ditador Pinochet. Agora, a publicação da entrevista representa, ao mesmo tempo, uma homenagem de *Tempo e Presença* ao irmão perseguido e um testemunho de que, como ele mesmo afirma, a caminhada da Teologia da Libertação é irreversível, uma vez que se baseia na prática libertadora dos empobrecidos.

Entrevista a Dermi Azevedo

Apsi: Para onde está caminhando, neste momento, a Teologia da Libertação no Brasil e na América Latina?

Boff: Penso que a Teologia da Libertação está abrindo novas frentes e afunilando a sua prática para formas cada vez mais concretas. Por exemplo, ela começou no meio operário, dentro do qual estavam universitários participando da luta dos trabalhadores, no processo de conscientização e de organização de sindicatos. Depois, passou para o nível das Comunidades Eclesiais de Base, já com o povo participando com círculos bíblicos, reuniões para discutir sua situação à luz da Palavra de Deus, a sua situação econômica, social, política e religiosa. Um passo além foi dado quando se abriram os vários centros de defesa dos direitos humanos no Brasil, com o povo enfrentando, reunido, a repressão e os abusos. Estes centros já são mais de 300 hoje no Brasil. Outra frente é representada pelo movimento “União e Consciência Negra”: cristãos que colocam o problema do negro no centro de suas preocupações ao nível do sincretismo, da valorização da resistência negra, da recuperação da cultura e da memória da cultura negra, recalcada e destruída pela dominação branca, repensando o tema religioso a partir da experiência tipicamente negra do corpo, da divindade, dos símbolos, das celebrações, algo muito distinto da cultura branca. Há também outra frente ligada ao tema da terra, através da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e do índio, através do CIMI (Conselho Indigenista Missionário). São instituições que defendem não simplesmente interesses corporativos da Igreja, mas os interesses dos camponeses expulsos da terra e

dos índios ameaçados de extinção. E a Teologia da Libertação é referência para todos eles.

Apsi: Então, neste sentido, a Teologia da Libertação é irreversível?

Boff: É irreversível porque é uma prática. Libertação aqui não é um tema de reflexão. É um processo histórico, real, concreto. Fiquei, por exemplo, muito entusiasmado em julho passado ao verificar, em Salvador (Bahia) que as próprias prostitutas e a Pastoral das Prostitutas organizam-se em torno das reflexões da Teologia da Libertação. Tanto os agentes de pastoral que trabalham com as prostitutas, quanto as próprias mulheres, conscientizam-se a nível da fé cristã, vêem que a Teologia da Libertação apoia sua luta pela dignidade. Elas buscam, então, uma articulação nas associações de bairros e, dentro das zonas, fazem círculos bíblicos e organizam Comunidades de Base. Apesar das dificuldades específicas (a rotatividade, por exemplo) há sempre reuniões e é mantida uma certa continuidade. Vejo que a libertação está tendo, assim, concretizações cada vez mais fortes, indo ao encontro dos que mais precisam de libertação e fazendo que eles sejam o sujeito do processo. Penso, deste modo, que quem vai julgar da validade ou não de um documento (refere-se à "Instrução" da Doutrina da Fé) são estes grupos que estão comprometidos. Eles verão se os documentos dos teólogos, dos bispos, do próprio Vaticano, são textos que ajudam e esclarecem ou se são textos que às vezes passam por cima de uma problemática concreta, sem terem uma percepção e uma consulta àqueles que vivem a experiência dolorosa dos oprimidos, buscando sua vida e a liberdade.

Apsi: A igreja institucional já está compreendendo, pelo menos na América Latina, esta Teologia implícita que está dentro da luta do povo?

Boff: O que é evidente é que segmentos muito importantes da Igreja latino-americana (e no Brasil até os segmentos mais hegemônicos) vêem que há uma caminhada concreta, com o povo se organizando dentro da Igreja, em grupos e comunidades e que há reflexão sobre esta caminhada. Vem o teólogo e busca as raízes teológicas, explicita o que é vivido na forma de uma reflexão; vêem os cientistas sociais e detectam as raízes profundas da exploração e a necessidade da articulação popular. Mais e mais igrejas percebendo a união entre uma prática na caminhada (onde há aliados, pessoas que são oprimidas e outros que se aliam aos oprimidos) e, junto a esta prática, há uma reflexão seria ao nível da Teologia e das ciências sociais, no nível da antropologia e isto forma um todo. A Igreja habitua-se, então, a incorporar esta reflexão como necessária, como elemento de iluminação da caminhada, reforçando-a e não substituindo-a.

Apsi: A Igreja dedica a Campanha da Fraternidade/85 à questão da fome. Como você analisa o problema à luz da Teologia da Libertação?

Boff: O grande escândalo que envergonha a humanidade não é tanto a opressão a nível político (que pode existir dentro do sistema socialista e que existe dentro do sistema capitalista). Para nós, cristãos, o grande escândalo são os

milhões e milhões que morrem de fome a cada ano, especialmente os nossos compatriotas que estão passando por níveis de fome como jamais na História do Brasil. Nosso país poderia ser a mesa posta para as fomes do mundo inteiro porque tem dois terços de terras agriculturáveis e é um país que não produz o mínimo de alimentos para seu povo. O problema é que temos uma economia fracassada, um projeto político anti-popular e isto, em termos teológicos, significa o maior pecado contra o Deus da vida, porque conceito cristão de Deus é de alguém que defende e anima a vida, tomando partido dos pobres ao vê-los carentes de vida. Esta é a raiz teológica da opção pelos pobres: Deus e Jesus Cristo fizeram esta escolha e a Igreja a prolonga. O fato de que há 86 milhões de brasileiros passando fome, o fato de que dois terços não fazem uma refeição por dia, significa que vivemos numa vergonhosa situação de pecado estrutural, pecado político que afeta o dom supremo que Deus deu ao ser: a vida. O tema da Campanha da Fraternidade/85 é profundamente evangelizador e dar pão a quem tem fome é também a maior obra de misericórdia.

Apsi: E o fato de a fome ser considerada como algo normal por muitas pessoas que não se sentem afetadas?

Boff: O trágico é que nos habituamos a este escândalo e quase cinicamente passamos ao largo. Acho que uma reflexão de fé —isto é, uma Teologia— e uma pastoral que não se colocam o tema da fome hoje, como um tema fundamental, não pode se livrar da crítica de ser impopular, alienada, desligada dos reais interesses dos homens, sabendo-se que os interesses dos pobres são fundamentalmente os interesses de Deus.

Apsi: Já falando sobre os processos contra você e Gutiérrez. Como você analisa a questão?

Boff: O documento sobre Gutiérrez que estava preparado para ser aprovado em abril e não pode ser aprovado, é um documento crítico que resgata valores fundamentais da Teologia da Libertação. Não é absolutamente condenatório. Ressalta a importância teológica, sublinha a significação pastoral desta Teologia mas chama a atenção para vários riscos, especialmente o da ideologização da fé, de certos reducionismos. Aliás, os reducionismos sempre existiram na tradição da Igreja como, por exemplo, o de reduzir a fé apenas à dimensão transcendental, esquecendo do seu compromisso histórico. Aqui o risco de atender às urgências humanas é tão grande que a libertação pode não ser integral. E a fé cristã sempre afirma que a libertação é integral e não seria humana se não fosse libertação além do pecado da fome, da injustiça, do pecado direto contra Deus, da expressão religiosa como encontro com o absoluto. Toda e qualquer Teologia corre riscos. A Teologia no passado tinha profundos reducionismos cuja gravidade estamos agora descobrindo. Os reducionismos daquela Teologia permitiram que o marxismo ganhasse fascínio. Eles deixaram de lado toda a dimensão do corpo, a dimensão política do homem novo, do Reino de Deus que é uma categoria político-religiosa e foi traduzida somente em termos espirituais. Tudo isto o marxismo assumiu numa versão secular, política, e tudo estava dentro de uma tradição crítica, especialmente bíblica. Hoje, me-

diante o confronto fé e vida, Evangelho e processo social, estamos redescobrimo as raízes bíblicas da Teologia da Libertação: que o Reino já começa aqui, que o homem novo não é somente uma realidade terminal da história mas objeto de um esforço coletivo da gestação diante da história culminando, evidentemente, em Deus. Mas que é possível, dentro da história, que o homem seja mais fraterno, apto ao diálogo, à colaboração e não à exploração.

Apsi: Toda esta pressão contra a Teologia da Libertação é algo sazonal ou faz parte de uma ofensiva final contra essa caminhada?

Boff: Não é algo final e definitivo, porque existe o processo de libertação. Uma coisa é a Teologia da Libertação. Outra é a Libertação concreta, histórica, que os pobres estão levando adiante. Este processo é irreversível ou só é reversível mediante extrema violência. A questão é saber se a Igreja e Teologia produzem um discurso sincrônico, adequado a este processo. Creio que a grandeza da Teologia da Libertação é de poder ser contemporânea aos fatos que estão sendo vividos e sofridos pelo nosso povo. Mesmo que, porventura, esta Teologia venha a ser condenada, isto não significa que o povo vai deixar de lutar, que a Igreja vai perder as Comunidades de Base, que os oprimidos vão ficar sem seus centros de direitos humanos e células sindicais. Este processo de libertação demanda uma reflexão cristã porque dentro dele há muitos cristãos e porque, objetivamente, o dado secular da libertação lança uma interrogação aos teólogos: o que significa este processo aos olhos de Deus? Como é que esta libertação se encaixa dentro do projeto histórico de Deus? Talvez pela repressão possível, os teólogos latino-americanos devam recuar e fazer uma Teologia menos eclesial, menos ligada aos processos sociais, mas a pergunta continua lançada à consciência cristã. E haverá sempre espíritos suficientemente evangélicos que vão pensar nesta linha, vão desentranhar a presença de Deus que já está no processo histórico e que a linguagem apenas explicita e torna consciente. E, ao fazê-lo, reforça a presença de Deus ao nível da consciência dos que estão lutando.

Mayo - junio 1985

(Agradecemos al Dr. Julio de Santa Ana por este envío)



Copyright and Use:

As an ATLAS user, you may print, download, or send articles for individual use according to fair use as defined by U.S. and international copyright law and as otherwise authorized under your respective ATLAS subscriber agreement.

No content may be copied or emailed to multiple sites or publicly posted without the copyright holder(s)' express written permission. Any use, decompiling, reproduction, or distribution of this journal in excess of fair use provisions may be a violation of copyright law.

This journal is made available to you through the ATLAS collection with permission from the copyright holder(s). The copyright holder for an entire issue of a journal typically is the journal owner, who also may own the copyright in each article. However, for certain articles, the author of the article may maintain the copyright in the article. Please contact the copyright holder(s) to request permission to use an article or specific work for any use not covered by the fair use provisions of the copyright laws or covered by your respective ATLAS subscriber agreement. For information regarding the copyright holder(s), please refer to the copyright information in the journal, if available, or contact ATLA to request contact information for the copyright holder(s).

About ATLAS:

The ATLA Serials (ATLAS®) collection contains electronic versions of previously published religion and theology journals reproduced with permission. The ATLAS collection is owned and managed by the American Theological Library Association (ATLA) and received initial funding from Lilly Endowment Inc.

The design and final form of this electronic document is the property of the American Theological Library Association.